

## MITO E PSICANÁLISE: FREUD E SUA LEITURA DE MITOLOGIA PARA LÓGICA DOS CONCEITOS<sup>1</sup>

Luiza Correa Cunha<sup>2</sup>

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo teve como principal objetivo destacar como a obra freudiana se valeu do entendimento das construções míticas para apresentar os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica e a clínica. Propõe o desenvolvimento a respeito das definições de mito e psicanálise, com enfoque nos conceitos fundamentais propostos por Freud e Lacan. Pretende-se também correlacionar tais conceitos psicanalíticos com as narrativas da mitologia, e destacar a forma como o mito pode ser utilizado como uma ferramenta de extrema importância para a compreensão da psicanálise. É enfatizado a respeito da psicanálise existente no mito de Édipo Rei no qual posteriormente culminou em uma forma de ilustração para diversos conceitos citados por Freud no decorrer de suas obras, em principal ao Complexo de Édipo. Posteriormente, é apresentado o próprio mito da psicanálise proposto por Freud em sua obra chamada *Totem e tabu*. Tais articulações foram realizadas por meio da revisão bibliográfica, e tem por finalidade entrelaçar a teoria com as práticas clínicas em psicanálise, considerando a Psicanálise como uma teoria da clínica que colocou Freud em questão com a escuta do ser para a partir dela, daquilo que foi escutado das mais variadas formas, se consolidar como conceito.

Palavras-chave: Mito. Psicanálise. Conceitos Fundamentais. Complexo de Édipo. Totem e Tabu.

### MYTH AND PSYCHOANALYSIS: FREUD AND HIS READING OF MYTHOLOGY FOR THE LOGIC OF CONCEPTS

### ABSTRACT

The main objective of this article was to highlight how Freud's work used the understanding of mythical constructions to present the fundamental concepts of psychoanalytic theory and clinical practice. It proposes a development regarding the definitions of myth and psychoanalysis, focusing on the fundamental concepts proposed by Freud and Lacan. It is also intended to correlate such psychoanalytic concepts with mythological narratives and highlight how myth can be used as an extremely important tool for understanding psychoanalysis. It emphasizes the

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 25/05/2023 e aprovado após reformulações em 19/06/2023.

<sup>2</sup> Discente Luiza Correa Cunha do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: luizarmendes@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Mestra em Psicologia e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: reginaprudente@uniacademia.edu.br.

psychoanalysis existing in the myth of Oedipus Rex, which later culminated in a form of illustration for several concepts cited by Freud in the course of his works, mainly the Oedipus Complex. Subsequently, the very myth of psychoanalysis proposed by Freud in his work called Totem and Taboo is presented. Such articulations were carried out through a bibliographical review and aim to intertwine the theory with clinical practices in psychoanalysis, considering Psychoanalysis a theory of the clinic that put Freud in question with the listening of the being to, from it, of what was heard in the most varied ways, consolidate itself as a concept.

Keywords: Myth. Psychoanalysis. Fundamental Concepts. Oedipus Complex. Totem and Taboo.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Emidio e Hashimoto (2011) a psicanálise possui forte conexão com a mitologia desde o seu surgimento, isso porque os mitos podem ser considerados, não apenas como objetos de estudo, mas como um modo de embasamento dos conceitos lógicos da teoria psicanalítica. Este artigo pretende abordar e correlacionar as narrativas mitológicas com os conceitos da psicanálise para fundamentação e compreensão teórica. Pretende também se levantar, a partir de uma revisão bibliográfica, o motivo pelo qual os mitos atraíram Freud para ilustrar os conceitos de sua teoria.

Pastore (2012) relata que Freud retirou da mitologia grega os fundamentos para compreensão da psicanálise em pleno século XX. Disserta, ainda, que devemos ao autor pela sua sensibilidade e habilidade por ter ultrapassado a fronteira da idade da humanidade ao retornar à Grécia antiga e recortar em seus relatos míticos, em especial ao mito de Édipo, elementos que serviram de ferramentas para a ilustração das noções básicas desenvolvidas na psicanálise, como por exemplo o Complexo de Édipo.

A partir dos mitos, Freud encontrou uma forma de demonstrar que as suas descobertas serviriam de sustentação para o desenvolvimento do sujeito, não só de forma individual, como também histórica e universal.

Freud salienta que o psiquismo não se restringe ao indivíduo e que a vida humana é tecida entre o coletivo e o individual. O inconsciente, embora

atemporal, traz as marcas da memória da espécie e da história, que recaem sobre o destino individual (PASTORE, 2012, p. 22).

Sabemos que os mitos contribuíram significativamente para a ilustração dos conceitos teóricos e desenvolvimento da psicanálise. Freud enfatiza a conexão entre psicanálise e mitologia.

[...] a mitologia pode encorajá-lo a crer na psicanálise. O mesmo Cronos que devorou os filhos havia emasculado seu pai Urano e depois, em retaliação, foi emasculado por seu filho Zeus, que fora salvo pela argúcia da mãe. Caso você se incline a supor que tudo o que a psicanálise conta sobre a sexualidade das crianças vem da dissoluta imaginação dos analistas, admita ao menos que essa imaginação gerou as mesmas produções que a atividade imaginativa da humanidade primordial. (2014, p. 163).

Freud disserta sobre os mitos e as suas relações com a psicanálise em diversas de suas obras, dentre elas: Teorias sexuais infantis, O futuro de uma ilusão; Totem e tabu e Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. De acordo com Green (1994, p.140, apud VERSIANI, 2008, p.16) “[...] a psicanálise vai procurar no material grego, mais que em qualquer outro lugar, a ilustração para as suas concepções.”

Emidio e Hashimoto (2011) pontuam que a utilização dos conceitos mitológicos para ilustração e afirmação da teoria freudiana nos coloca mediante a resposta de que Freud tinha os mitos como ferramentas justamente por considerá-los um caminho para a formação da consciência, símbolos da cultura. De forma que, o mito pode também ser conceituado como uma ponte entre o consciente e o inconsciente.

Trataremos a seguir as conexões entre mito e psicanálise, bem como a definição de seus conceitos e a utilização dos mitos para a fundamentação dos principais termos da teoria psicanalítica.

## **2 A ETIMOLOGIA DO MITO E SUA CONEXÃO COM A PSICANÁLISE**

De acordo com o dicionário Priberam (2022), o termo mito vem do latim *mythos*, que tem como principais significados fábula, palavra, discurso, coisa dita,

conto, história, narrativa ou ficção. Não raramente nos deparamos com os seguintes cenários sejam na tv, internet ou até mesmo jornais nos quais trazem o questionamento: mito ou verdade? Como se ambos fossem opostos.

Contudo, Azevedo (2004) nos traz a reflexão a respeito da ambiguidade nos significados da palavra mito. Embora o termo possa ter o significado de algo fantasioso, alheio à vida real, o mito também pode ser considerado como uma narrativa repleta de simbologia e de relevante cunho cultural e histórico. Diante da ambiguidade deste termo, não podemos encarar o mito apenas por uma face, mas sim considerar todas as suas vertentes.

Tal ambiguidade etimológica espelha a ambiguidade mesma de sentido presente nos relatos míticos: neles, o significado jamais pode ser tomado de maneira unívoca e fixa. Um mesmo elemento ou significante pode estar referido, por exemplo, à vida ou à morte, ou ainda à ressurreição. Isso vale também para a própria definição de mito: por mais rigorosa e elaborada que seja, ela não terá um alcance universalmente válido, genericamente aplicável a toda gama de arranjos discursivos que temos chamado de mito. (AZEVEDO, 2004, p.13).

Lévi-Strauss (1955) enfatiza a relação de ambiguidade a respeito do termo conforme a citação subsequente. “Em lugar de progressão contínua, ou periódica, o mito se apresenta como um conjunto de estruturas bipolares, análogas às que compõem o sistema de parentesco.” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 88). Encarar os mitos apenas por meio do viés da ficção, seria cercear todas as reflexões e conteúdos simbólicos que eles podem nos oferecer. Embora sejam narrados em um contexto na antiguidade, os mitos abordam questões em comum e são de grande valia para a compreensão de nossa atual conjuntura.

Conforme Aranha (1986), se realizarmos uma leitura apressada na busca do sentido do mito podemos pensar que se trata apenas de uma maneira fantasiosa de explicar a realidade, distante do pensamento da razão. Esta seria uma forma de definir os mitos apenas como lendas ou fábulas, e, portanto, seria uma forma reducionista de compreender o termo, como se houvesse uma outra explicação melhor para a apreensão do mundo. No entanto, a autora enfatiza que a noção de mito é mais do que apenas essa visão redutiva. O mito é rico e complexo. Aranha (1986) complementa ainda que o mito não é exclusividade de povos primitivos, nem

de civilizações nascentes, mas existe em todos os tempos e culturas como dispositivo inerente da maneira humana para entender a realidade. Eliade (1972, p. 9 apud AZOUBEL NETO, 1993, p. 19) reforça que “[...] o mito constitui a representação de uma realidade que passou a existir. O mito é sempre e invariavelmente uma espécie de verdade, o flagrante de uma criação, a evidência do modo pelo qual algo foi produzido e começou a ser no mundo.”

Viver um mito corresponde a sair de um tempo profano e poder reportar-se a um tempo sagrado, o tempo primordial, aquele tempo das origens. É uma espécie de retorno, onde passa a existir uma relação com os entes sobrenaturais. Ao evocar um mito, o sujeito torna-se contemporâneo, reveste-se do sagrado. (AZOUBEL NETO, 1993, p.19).

Apesar do mito possuir origem na história antiga, muitos autores modernos recorrem aos mitos para ilustração de suas teorias. Freud, por exemplo, extrai da mitologia a história de Édipo para explicitar o Complexo de Édipo o qual mais à frente abordaremos. Gonçalves (1992) afirma que podemos observar ainda nos textos *Delírios e sonhos na Gradiva* de Jensen (1910), uma recordação de influência de Leonardo da Vinci (1910) e o *Moisés* de Michelangelo (1913), a menção de Freud referente aos mitos como ferramentas para tradução do inconsciente. É a partir do inconsciente que Freud conseguiu estabelecer as diferenças entre a realidade psíquica e a realidade física. A realidade psíquica é representada por meio das fantasias nas quais a interpretação é subjetiva e organizada pelos nossos mais íntimos desejos. Laplanche e Pontalis (2001) pontuam que as fantasias inconscientes são as que movem o aparelho psíquico, sendo definidas como realidade psíquica, pois são uma forma de existência diferenciada e que não pode ser confundida com a realidade material, pois trata-se apenas de conteúdos inconscientes.

Há certa familiaridade entre o mito e o inconsciente, pois ambos podem se situar em qualquer contexto de tempo, seja presente, passado ou futuro. Dessa forma, podemos considerá-los atemporais. Para Emidio e Hashimoto (2011), a relação entre mito e psicanálise é um campo fértil de reflexões, pois ambos obedecem a um mesmo mecanismo e funcionam de forma parecida para

expressarem e simbolizarem as suas mensagens. Em 1963, Eliade apontou sobre a correlação que é possível estabelecer entre o inconsciente e a mitologia privada.

É por isso que o inconsciente apresenta a estrutura de uma mitologia privada. Podemos ir ainda mais longe e afirmar não só que o inconsciente é 'mitológico', mas também que alguns dos seus conteúdos estão carregados de valores cósmicos, isto é, que eles refletem as modalidades, os processos e o destino da vida e da matéria viva. Podemos até dizer que o único contato real do homem moderno com a sacralidade cósmica se efetua através do inconsciente, quer se trate dos seus sonhos e da sua vida imaginária, quer das criações que surgem do inconsciente (poesia, jogos, espetáculos, etc.) (ELIADE, 2000, p. 68-69).

Os mitos conversam com a particularidade de cada sujeito e, ao mesmo tempo, representam grandes questões universais nas quais todos nós passamos, de alguma forma. Segundo Azevedo (2004), não é viável segregar os mitos entre singular e universal, mas sim fortalecer essa confluência. Micela (1984, p. 13 apud GONÇALVES, 1992, p. 2) pontua que “[...] subjacentes a tais formações culturais, estariam processos metapsicológicos comuns tanto ao indivíduo como à comunidade, determinados no terreno exclusivo dos fatos pulsionais e ligados às manifestações da sexualidade e dos desejos edipianos.”

Sequenciamos adiante a respeito do surgimento do termo psicanálise e alguns de seus conceitos primordiais.

### **3 PSICANÁLISE E A LÓGICA DOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS**

Coutinho Jorge (2000) relata que a psicanálise não se trata de uma ciência, mas sim de uma prática, pois a prática do analista não está determinada a uma técnica específica. De acordo Laplanche e Pontalis (2001), a psicanálise é uma disciplina fundada por Sigmund Freud na qual podemos destacar três definições para o conceito: a primeira teria como metodologia a investigação para evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações e das produções imaginárias, por exemplo sonhos, fantasias e delírios de um sujeito. Esse método tem a associação livre como embasamento para garantia da validade da interpretação. A segunda definição seria considerada como um método psicoterápico, baseado nesta

investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O uso da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico estaria ligado a esse sentido. E, por último, um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento. A respeito da escolha do termo psicanálise, daremos a palavra ao precursor da teoria.

Chamamos de psicanálise o trabalho mediante o qual levamos à consciência do doente o material psíquico nele reprimido. Por que “psicanálise”, que significa dissecação, decomposição, e faz pensar numa analogia com o trabalho que o químico realiza com as substâncias que acha na natureza e leva para o laboratório? Porque tal analogia realmente existe num ponto importante. Os sintomas e manifestações patológicas do paciente são, como todas as suas atividades anímicas, de natureza altamente composta; em última instância, os elementos de tal composição são motivos, instintos. (FREUD, 2010a, p. 210).

De acordo com o texto Inibição, sintoma e angústia: o futuro de uma ilusão e outros textos, a psicanálise surgiu a partir da mudança de técnica de Freud quando aderiu à associação livre ao invés da hipnose. “[...] libertei-me do hipnotismo, mas com a mudança da técnica também o trabalho da catarse mudou seu aspecto. O hipnotismo havia encoberto um jogo de forças que então se revelava, e cuja compreensão dava à teoria um fundamento seguro.” (FREUD, 2014, p. 89).

Freud (2014) denomina como jogo de forças o processo no qual podemos compreender como o início da teoria da repressão. De acordo com Freud (2014), durante a análise, por muitas vezes, o paciente se esquecia do que era dito. Foi observado que o esquecido era de alguma forma algo inoportuno e, por isso, era retirado do consciente como uma forma de proteção psíquica ao paciente. Para que este conteúdo retirado do consciente voltasse à tona, era preciso vencer no sujeito algo que se mantinha de forma perseverante. Também era necessário o esforço do analista para que o sujeito pudesse lembrar o que até então havia sido esquecido. Tal diligência seria de acordo com a gravidade da repressão do paciente. A partir disso, Freud fala a respeito do conflito psíquico que surge quando as duas dinâmicas instinto e resistência lutam entre si, com mediação da consciência, até a ejeção do instinto, retirando todo o seu investimento de energia. Seria essa, então, a

solução normal. Contudo, por razões ainda desconhecidas, esse conflito teria outro desfecho na neurose. Em 1923, Freud elucidou sobre a repressão. “O Eu como que se retrai no primeiro encontro com o impulso instintual repulsivo, barra-lhe o acesso à consciência e à descarga motora direta, mas este conserva seu pleno investimento de energia. Denominei este processo repressão.” (FREUD, 2014, p. 90).

Para Freud (2014), esse processo era algo inovador, nada parecido com o que havia sido trabalhado antes ou, ainda mesmo, observado na vida psíquica do sujeito até então. Freud definiu o processo de repressão como um nítido mecanismo de defesa primário, no qual poderia ser comparado a uma tentativa de esquiva, um dispositivo precursor do julgamento condenatório habitual.

Em primeiro lugar, de acordo com Freud (2014), o Eu (neste caso, o Ego) tinha que se resguardar constantemente do impulso reprimido, mediante um permanente gasto de energia para se proteger de qualquer ataque. O reprimido, que até então estava no inconsciente, podia encontrar uma forma de descarregar e atingir a sua satisfação por outros meios, desse modo, fazendo falhar a intenção da repressão. Já na histeria de conversão esse outro meio faz com que o impulso reprimido siga para qualquer lugar e, assim, originam os sintomas de forma somática. Esses sintomas, na maioria das vezes, são consequências do que Freud chama de satisfações substitutivas. As satisfações substitutivas são deformadas e desviadas justamente pela resistência do Ego. Ainda em 1923, Freud enfatiza a respeito da importância da teoria da repressão, alegando que ela se tornou o pilar para a compreensão das neuroses. Discorre, ainda, que o compromisso da terapia deve ser visto de outra forma, abandonando a ideia de catarse e assumindo o papel de desvendar as repressões e substituí-las por operações de julgamento que poderiam resultar na aceitação ou na rejeição do que foi reprimido. “Considerando esse novo estado de coisas, não mais chamei de catarse o procedimento de investigação e cura, e sim de psicanálise.” (FREUD, 2014, p. 91).

É a partir da teoria da repressão que podemos destacar outro conceito fundamental para a psicanálise: a repetição. Em 1914, em sua obra *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (2010d) reafirma o conceito após a mudança de sua técnica, no qual relata que, em alguns casos, o paciente não se recorda de coisa

alguma do que foi reprimido, expressa esse conteúdo inconsciente de forma ativa, atuando não como uma lembrança, mas como de fato uma ação, repete, sem saber que está repetindo. Um exemplo que podemos extrair a respeito da repetição mencionada no texto seria o próprio Complexo de Édipo, ilustrado por meio do mito de Sófocles, em que, inconscientemente, trata-se de uma eterna repetição, repassado de geração para geração.

Outro principal conceito de estudo para a psicanálise que podemos destacar, trata-se do inconsciente. Para isso, faremos algumas observações entre consciente e inconsciente. Lima (2010) nos traz considerações a respeito do consciente e do inconsciente que nos permitem considerar o consciente como a ponta do iceberg, aquilo que também pode ser visto de forma nítida, incluindo conteúdos nos quais estamos cientes em determinado momento. Por estar na ponta do iceberg, o consciente é o dispositivo responsável por receber informações tanto do meio externo quanto do meio interno. Já no inconsciente, encontramos os elementos instintivos ou pulsões que não são acessíveis à consciência, e, para além disso, existem conteúdos que foram reprimidos pela consciência por meio do processo de repressão. Eliade (2000) nos traz uma reflexão interessante quando correlaciona o inconsciente com a mitologia, chamando o inconsciente de mitologia privada na qual é possível acessar os sonhos, as fantasias e os desejos particulares de cada sujeito. Laplanche e Pontalis (2001) tratam do tema do inconsciente freudiano, conforme citação abaixo.

O inconsciente freudiano é, em primeiro lugar, indissolavelmente, uma noção tópica e dinâmica que brotou da experiência do tratamento. Este mostrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos "conteúdos" só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 235).

Em 1923, Freud apresentou as três instâncias psíquicas contribuintes para a formação de personalidade do sujeito, sendo essas instâncias o Ego, o Id e o Superego. Propõe, ainda, que essas instâncias possuem uma relação dinâmica, interagindo e se sobrepondo uma à outra. Na obra O eu e o id, "Autobiografia" e outros textos, Freud intitula o Ego como Eu. Este Eu teria o papel de percepção e o

Id representaria o instinto. Para o autor, o Eu representa o que se pode chamar de razão e discernimento, em oposição ao Id, que contém as paixões e os desejos. No entanto, o Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na mesma direção. O reprimido também se equipara com o Id, não sendo todo o Id, mas somente uma parte dele. O reprimido é visivelmente separado do Eu somente por causa das resistências da repressão, enquanto o Id pode se comunicar com ele. “O que fazemos aqui, mais uma vez, é substituir um modo tópico de representar as coisas por um modo dinâmico. O que consideramos móvel não é a própria estrutura psíquica, mas sua inervação” (FREUD, 2018, p. 638).

Segundo Lima (2010), o Eu se desenvolve por meio das capacidades psíquicas a partir do contato com a realidade exterior. Sua atividade é segregada entre consciente e inconsciente, pois envolve a percepção e também os processos intelectuais. É governado pelo princípio da realidade, que é o fator que se encarrega do ajustamento ao ambiente e da solução dos conflitos entre o corpo e a realidade. O Eu lida tanto com os impulsos interiores, quanto com a realidade exterior. Uma de suas funções seria de obter o controle entre as pulsões, decidindo se cabe ou não as satisfazer, decidindo também se não é mais adequado adiar essa satisfação para outras ocasiões e circunstâncias mais favoráveis ou reprimindo de forma parcial ou total.

A importância funcional do Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim, em relação ao Id ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria. (FREUD, 2011, p. 23).

O Id foi conceituado como um conjunto de conteúdos pulsionais que se encontram no inconsciente. Esses conteúdos estariam carregados de uma bagagem genética já herdada desde o nascimento do sujeito e dispositivos instintivos que teriam como origem a disposição somática. Laplanche e Pontalis (2001), elucidam que o conteúdo do Id pode ser considerado por um lado hereditário e inato e, por outro lado, obtido e recalado. Lima (2010) complementa que, se encararmos o Id

por meio do ponto de vista econômico, o Id é a fonte e o reservatório de toda a energia psíquica do indivíduo, pois é ele que estimula toda a interação do Ego e do Superego. Do ponto de vista dinâmico, o Id interage com as funções do Ego e com os objetos, tanto os objetos do meio exterior quanto aqueles que, quando introjetados, seguem para o Superego. Do ponto de vista funcional, o Id seria governado pelo princípio do prazer no qual procura e anseia pela resposta direta e imediata a um estímulo instintivo, sem levar em conta as circunstâncias atuais da realidade.

É fácil ver que o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do Pcp-Cs, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície. Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id. (FREUD, 2011, p. 22-23).

Não obstante, o Superego é regido por normas, padrões e valores. Tem a sua formação pela introjeção dos conteúdos oriundos dos pais e começa a se formar de acordo com a sua resolução dos conflitos na fase do Complexo de Édipo, tema que abordaremos mais adiante. Freud (1914) também observou que existem indivíduos, que durante o curso de desenvolvimento, tem o objeto de pulsão dirigido a si mesmo, neste caso, o próprio Eu. Não coincidentemente, denominou este traço como narcisismo. Narciso é um personagem da mitologia grega que se apaixona pelo seu próprio reflexo e, devido ao longo tempo observando sua própria imagem, morreu de fome e sede à beira da fonte de água onde via sua imagem refletida. Freud (2010b) assinala que não é possível existir outra unidade comparada ao Ego desde o começo, é necessário o desenvolvimento do Ego.

Sobre a primeira questão, observo o seguinte: é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo(FREUD, 2010b, p. 13).

Outro instrumento também muito importante para a clínica psicanalítica é o processo de transferência. A transferência, quando ocorre de forma positiva, tende a

facilitar imensamente o trabalho analítico, pois quando o paciente nutre determinado sentimento positivo como, por exemplo, a empatia em relação ao seu analista, o processo de repressão pode apresentar uma baixa e assim se tornar um grande ensejo para a análise. No entanto, é importante frisar que nem sempre a transferência ocorre de forma positiva e, desta forma, pode ocasionar o efeito rebote, desarranjando o trabalho do analista. Sendo assim, a transferência pode se manifestar de diversas formas. De acordo com Freud (1912, p. 414 apud AZOUBEL NETO, 1993, p. 87) “[...] porque na análise se nos opõe a transferência como a resistência mais forte ao tratamento, enquanto que fora da análise devemos reconhecê-la como substrato do efeito terapêutico e condição de êxito.” Quanto ao termo transferência, Azevedo discorreu a respeito em sua obra intitulada Mito e psicanálise:

Na escuta da associação livre de seus pacientes, das minúcias — atos falhos, deslizes — de suas falas, Freud logo aprende que essa associação dá-se simultaneamente a um outro tipo de associação: uma ligação íntima, afetuosa, onde devemos ouvir a forte afetação do sujeito, que se dá entre paciente e analista. A essa relação Freud chamou de transferência, e situou-a no fundamento de seu dispositivo. Conceito de difícil formulação sintética, podemos provisoriamente detectar dois traços marcantes da transferência para Freud: o amor do paciente pelo analista e a colocação em ato, nessa relação, de conteúdos inconscientes. (AZEVEDO, 2004, p. 57).

A transferência se estabelece como um dos conceitos fundamentais, junto ao inconsciente, a pulsão e a repetição, como apontado por Freud e proposto por Lacan (2008). D’Avila Lourenço (2005) relata que os estudos de Freud a respeito da transferência são essencialmente conectados com a mitologia, à teoria do Complexo de Édipo e também ao conceito de castração. Para o autor, a transferência é uma repetição dos conteúdos edípicos.

#### **4 A CURA EM PSICANÁLISE E A CURA DA BARBÁRIE NO MITO TOTEM E TABU**

Retomando o conceito de que a psicanálise pode ser considerada como um procedimento de investigação e cura, como propôs Freud em 1923, trataremos a seguir sobre a cura em psicanálise. Nasio (2019) destaca na introdução do seu livro *Sim, a psicanálise cura!*, a importância da psicanálise para o processo de cura do indivíduo. Enfatiza que nenhum paciente se cura por completo, pois essa visão de completude não condiz com o nosso princípio da realidade, e sem sofrimento não há vida. No entanto, contribui de forma eficaz para que o sujeito possa agir de forma ativa e funcional em suas escolhas. Então, afirma que, sim, a psicanálise cura! O autor também expõe a respeito da eficácia da psicanálise em diversas afecções, tais como depressão, fobias, compulsões alimentares, transtornos obsessivos compulsivos e muitas outras patologias. Contudo, Nasio faz uma ressalva ainda na introdução de sua obra, reiterando que, para que a psicanálise se faça eficaz, é preciso que o analisando apresente as características de sofrer e de não suportar mais sofrer, de se interrogar sobre a origem do seu sofrimento e também do seu comportamento. Para além disso, também é de extrema importância que acredite no profissional que vai tratá-lo e confie que ele será capaz de livrá-lo de sua angústia. O autor também faz um pequeno adendo a respeito da palavra cura. Comumente, dizemos que o sujeito está curado quando se trata de alguma enfermidade, no sentido medicinal do termo, entretanto, a maior parte dos pacientes não estão enfermos neste sentido, mas sim em conflito consigo mesmo e com os demais à sua volta. É precisamente esse conflito o foco de cura em psicanálise. Para Nasio, a partir de um ponto de vista psicanalítico, podemos considerar curado o indivíduo que consegue se amar do jeito que é, sendo mais compreensível com ele mesmo e também com as pessoas que convive. Ou seja, a partir do momento que o sujeito consegue se desenvolver de uma forma funcional tanto para ele, quanto para os outros.

Como contribuição para essa cura na clínica psicanalítica, Nasio apresenta o termo de inconsciente instrumental que consiste basicamente, no ato do analista utilizar o seu inconsciente como ferramenta para a análise do paciente “[...] estou convencido de que um psicanalista cura seu paciente graças não somente ao que sabe, ao que diz ou ao que faz, mas graças sobretudo ao que é e, mais ainda, ao

que é inconscientemente” (NASIO, 2019, p. 19). Neste caso, o autor não se refere ao inconsciente pessoal do analista, mas sim de um inconsciente modelado.

O processo de transferência também pode ser considerado uma ferramenta de extrema importância para a cura em psicanálise. Peron (2004) discorre a respeito do mencionado.

A análise e a dissolução da transferência, enquanto reedição e reencaminhamento dos investimentos libidinais do paciente, unidas à rememoração e à elaboração de conteúdos inconscientes, trazem a cura. Toda a questão do adoecimento e da cura está, nesse período, ligada ao direcionamento da libido liberada com a análise da transferência. (PERON, 2004, p. 50).

Como forma de entrelaçar o conceito de cura em psicanálise com a mitologia, podemos citar Totem e tabu (1990), em que Freud narra uma história que teria como principal objetivo ilustrar o início de uma civilização, a partir do assassinato de um pai que tudo podia. Podemos inferir que este mito da psicanálise intitulado mito da Horda primeva nos traz uma reflexão a respeito da cura da barbárie, pois a partir do momento em que os filhos assassinam esse pai, eles o introjetam e o torna um totem, pois se sentem culpados pela morte do pai e, ao mesmo tempo com medo de se tornarem como ele e terem o seu mesmo fim. A partir desse movimento é que se dá a origem da civilização.

Sabemos que o conceito de cura em psicanálise é distinto do conceito da cura medicinal. Nasio (2019) propõe que a cura ainda é um enigma para o analista, pois não se sabe de fato como esse processo ocorre. Reforça também, que não existe cura em sua totalidade, não há livramento total do sofrimento porque o sofrimento é essencial para a vida. Para finalizarmos este capítulo, utilizaremos a seguinte citação de Nasio a fim de ilustrarmos o tema abordado. “Escuto o meu paciente com toda a força do meu inconsciente de psicanalista, mas é o Desconhecido que o cura.” (NASIO, 2019, p.104).

## **5 O MITO E A RELAÇÃO COM OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM PSICANÁLISE: COMPLEXO DE ÉDIPO – NARCISISMO E PAI DA HORDA PRIMEVA**

Após abordarmos os conceitos fundamentais de mito e psicanálise, respectivamente, neste capítulo trataremos sobre a conexão entre ambos: a psicanálise no mito do Édipo Rei, o narcisismo em Freud e, posteriormente, o mito da psicanálise: Totem e tabu.

Na obra *A Interpretação dos sonhos*, Freud (2018) faz uma reflexão sobre um dos seus casos clínicos a respeito da importância da representatividade dos pais no desenvolvimento da vida psíquica da criança. No livro, o autor reforça o quão normal é o fato da criança se apaixonar pelo pai ou pela mãe e, concomitantemente, sentir repulsa ao outro em determinada fase. Retoma ainda que, esse movimento faz parte do desenvolvimento do sujeito psiconeurótico e que é de extrema relevância para as manifestações da neurose posterior. Sobre essa dualidade de sentimentos (amor e ódio) despertados na criança em relação aos pais, de acordo com o que foi pontuado por Freud, este ressalta que “A antiguidade nos legou um tema lendário cujo efeito profundo e universal só se torna compreensível mediante uma universalidade semelhante da hipótese da psicologia infantil da discussão.” (FREUD, 2018, p. 283). Esta frase nos coloca perante ao fato de que Freud recorreu à antiguidade para não só ilustrar algumas de suas observações, como também para validá-las. O próprio autor chegou a relatar essas questões em uma carta escrita para Fliess em 1897 na qual deixa explícita a sua atração pelo primevo e suas devidas culturas “[...] os mitos, as lendas, as crenças religiosas, são projeções do mundo exterior, da obscura percepção interna pelo sujeito, de seu aparelho psíquico.” (apud MASSON, 1987, p. 274).

A partir dessa reflexão sobre como se dá o desdobramento do desenvolvimento psíquico de uma criança a partir de sua relação com os seus pais e, respectivamente, seu amor e o seu ódio, Freud faz uma breve comparação desse caso clínico com o que foi observado a partir do mito do Édipo Rei. O mito do Édipo Rei, também conhecido como mito fundamental a partir do drama de Sófocles conforme narrativa em 2012 em *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em colono e Antígona*.

O mito de Édipo consiste na história de Édipo e a profecia de que ele mataria o próprio pai e desposaria a sua mãe. Em 2004 Azevedo enfatizou que “Freud encontra em Édipo Rei uma rica fonte para a elaboração da teoria psicanalítica, fonte que vai além do complexo de Édipo e diz respeito à própria fundação do discurso analítico.” (AZEVEDO, 2004, p. 38).

A instauração do Complexo de Édipo contribuiu de forma extremamente relevante para a teoria psicanalítica, pois antes Freud necessitava de algo para fundamentar a sua hipótese a respeito da sexualidade do indivíduo. Em uma de suas correspondências para Fliess em 1897, o autor discorre a respeito dessa ideia quando compara o seu próprio caso como algo universal e, sequencialmente, com o mito de Édipo Rei.

Uma única ideia de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornarão histéricas. Se assim for, podemos entender o poder da atração do Édipo Rei, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender porque o teatro da fatalidade estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão arbitraria individual, como se pressupõe *Die Ahnfrau* e similares; mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia, foi, um dia, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda gama de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual. (apud MASSOM, 1897, p. 273).

A teoria baseada no Édipo Rei tornou-se um dos mais preciosos recursos de Freud para sustentação da clínica. Em sua obra *Três ensaios sobre a sexualidade* (2016), Freud relata que observou tais relações amorosas inconscientes entre pai e filha, mãe e filho como algo que é revivido por diversas vezes. Enfatiza que a atração sexual entre os genitores e seus filhos ocorre bem cedo e correlaciona, mais uma vez, a questão da sexualidade com o mito de Édipo Rei. “[...] mostrei que a fábula de Édipo deve ser vista como a elaboração poética do que é típico nessas relações.” (FREUD, 2016, p. 236). Durante essas relações amorosas inconscientes entre os filhos e seus genitores, Freud relata a respeito do amor que é nutrido por um de seus pais e a repulsa pelo outro, gerando inclusive uma rivalidade por ver

aquele outro no lugar desejado. A partir disso, Freud propõe duas possibilidades de satisfação durante o Complexo de Édipo, sendo uma ativa e a outra passiva. O menino pode se colocar realmente no lugar do pai ou substituir a mãe e se fazer amar por esse pai. A outra possibilidade constitui-se quando o menino possui somente ideias vagas a respeito do que poderia ser a relação sexual satisfatória, mas com a certeza que existiria um pênis no meio dessa relação, pois as sensações do seu próprio órgão confirmavam isso. Encarar que existe uma possibilidade de castração ao perceber que a mãe não possui um pênis, determina o fim a essas duas possibilidades de obter a satisfação no Complexo de Édipo, pois ambas terminavam da mesma forma para o menino: a castração. Caso a essa satisfação amorosa ainda no Complexo de Édipo custe o próprio pênis, há um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Geralmente o interesse narcísico é o vencedor desta disputa. O Eu da criança se afasta desse complexo e os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. Em 1924, Freud enfatizou a respeito do processo narcísico. “A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o âmago do Super-eu que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto.” (FREUD, 2011, p. 186).

As tendências sexuais do Complexo de Édipo em sua maioria são sublimadas, o que Freud sugere que ocorre em toda transformação em identificação, e em parte são inibidas por meio do processo de repressão, no qual surge o período de latência. O autor relata que a partir de suas análises, essa experiência pode ser vivenciada de forma dolorosa para a criança quando, por exemplo, a menina que esperava ser amada pelo pai acima de qualquer coisa recebe uma punição dele e sente-se rejeitada e distante desse amor incondicional ou, ainda, quando o menino que vê a mãe como sua prioridade nota que a atenção de sua mãe não está voltada para ele, mas sim para outro. “Mesmo quando não sucedem eventos especiais [...], a ausência da satisfação esperada, a contínua ausência do filho desejado, levam a que o pequeno enamorado abandone sua desesperançada afeição.” (FREUD, 2011,

p. 183). Dessa forma, o Complexo de Édipo se dissiparia em forma de repressão, sendo deixado ao esquecimento.

É importante destacar a imensa relevância do Complexo de Édipo para a prática clínica, principalmente para compreensão das relações transferenciais. D'Avila Lourenço (2005) pontuou que o Complexo de Édipo se trata de uma sequência de repetições, repetições essas que todos nós somos atravessados de alguma forma.

O complexo de Édipo, conceito tão fundamental para Freud, tem seus primeiros estudos em função da transferência. Tudo o que é descoberto no complexo de Édipo coaduna com a teoria sobre a dinâmica da transferência. Daí Freud dizer que, na transferência, o analista é colocado no lugar de uma das *imagos* primordiais do indivíduo: imago paterna, imago fraterna, ou imago materna. E é mediante as relações estabelecidas entre o complexo de Édipo e a transferência, que são considerados os obstáculos e as vantagens que a transferência traz para o tratamento. (D'AVILA LOURENÇO, 2005, p. 145).

Conforme exposto na citação acima, para o autor, o conceito de Complexo de Édipo está interligado ao processo de transferência. Isso porque no processo de transferência o próprio analista pode ser colocado no lugar de uma das imagens essenciais no desenvolvimento do indivíduo, seja o pai, a mãe ou o irmão. Dessa forma, a compreensão do Complexo de Édipo é de extrema importância para a prática clínica.

Após nos apresentar o Complexo de Édipo, Freud vai além de sua descoberta em sua obra Totem e tabu. De acordo com Paim Filho (2022), nesta obra Freud irá utilizar o Complexo de Édipo como embasamento, percorrendo os caminhos da ontogênese e da filogênese, com grande ênfase na totemização do pai assassinado. Podemos considerar o Totem e tabu como um mito criado pela própria psicanálise com a seguinte premissa: no início dos tempos existia uma horda primeva governada por um homem agressivo, bárbaro e ciumento, que tinha a liberdade e o poder para ficar com qualquer mulher que quisesse e que expulsava os filhos homens conforme eles cresciam. Os filhos, que nada podiam, se rebelaram contra esse pai que tudo podia e planejaram o seu assassinato. Eles matam e devoram o pai como uma forma de introjetá-lo. Após esse ato, eles criam um totem como

representação da figura paterna e também criam dois tabus, sendo a proibição do assassinato do totem e a proibição do acesso às mulheres do pai, ou seja, do incesto. A partir dessas imposições que ocasionaram no barramento do sujeito é que se daria o início de uma civilização. Para Freud, a lei proíbe os homens de fazerem o que os seus instintos desejam. Paim Filho pontua que as duas grandes leis, sustentadas em Totem e tabu, servem de embasamento para toda organização social e psíquica. “Na esfera psíquica se fazem presentes no desejo parricida e incestuoso que é interdito pela força do recalçamento; no social pela lei que determina o reconhecimento da alteridade.” (PAIM FILHO, 2022, p. 107).

Discorremos sobre a psicanálise no mito Édipo Rei e do próprio mito da psicanálise Totem e tabu. Neste momento, o enfoque será a respeito do conceito de narcisismo em psicanálise, conceito este que está intimamente ligado à mitologia grega. O mito aborda a história de Narciso, que teve como destino se apaixonar pela própria imagem refletida numa fonte de água. Narciso não conseguia se afastar de seu reflexo, seu objeto de desejo. Devido ao longo tempo observando sua própria imagem, morreu de fome e sede à beira da fonte de água onde via sua imagem refletida. No local onde morreu nasceu a flor de Narciso. Entretanto, é somente em 1914, em sua obra *Introdução ao narcisismo*, que o conceito foi considerado um fenômeno da psicologia, abandonando a ideia de ser apenas um estágio estrutural do sujeito, Freud (2010b) aborda o conceito de Ideal do Eu. É neste Ideal do Eu que terá o redirecionamento do amor para si mesmo, o amor que o Eu real vivenciou em sua infância. Ou seja, o narcisismo se desloca para esse novo Eu Ideal, remetendo ao tempo em que o sujeito, enquanto infantil, tinha a posse de toda a perfeição. No campo da libido, o sujeito sente-se incapaz de abdicar dessa satisfação, pois essa satisfação já havia sido experimentada uma vez. Contudo, o sujeito não consegue mantê-la no decorrer de seu desenvolvimento, então procura por uma forma nova de Ideal do Eu, o que ele projeta diante de si como seu ideal é o que vai substituir o narcisismo primário na infância, na qual o seu Eu era o ideal em sua totalidade. Freud aponta a respeito desse movimento.

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento

ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal. (FREUD, 2010b, p. 33).

A partir dessa nova dualidade, Paim Filho (2022) afirma que a pulsão de autoconservação passa a ser libidinizada, ou seja, deixa de ser algo não sexual. Sendo assim, o não sexual é excluído da vida psíquica até 1920, quando Freud ressurgiu com o postulado da pulsão de morte em sua obra *Além do princípio do prazer*. É nesta obra que Freud faz a distinção entre as pulsões, que até então eram compreendidas como “[...] energias instintuais que levavam ao movimento, ou ainda uma forma de anseio por uma ação que seria feita ao psiquismo cuja fonte seria o processo excitatório em um órgão” (AZEVEDO e MELLO NETO, 2015, p. 69).

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (2010a) propõe um novo dualismo na vida psíquica do sujeito. Essa dualidade consiste na existência de duas forças, sendo uma oposta à outra. Uma energia que estimula a ação (pulsão de vida) e outra que busca o estado de inércia (pulsão de morte). De acordo com Azevedo e Mello Neto (2015), a função da pulsão de morte seria promover o descarregamento.

Assim, o trabalho dessa pulsão teria como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta de vida, ou seja, a morte. Então, o organismo não teria em sua base constitucional o desejo pela mudança, pois estaria fadado a buscar sempre estados anteriores. (AZEVEDO E MELLO NETO, 2015, p. 70).

No entanto, Freud percebeu que em determinadas vezes, ao invés da pulsão de morte reduzir a energia, o psiquismo buscava o contrário, aumentar essa carga psíquica a fim de gerar o desprazer. Azevedo e Mello Neto (2015) pontuam que foi percebido, então, que há uma tendência na repetição dos conteúdos desagradáveis para propor esse aumento de carga psíquica. Freud passou a analisar esses casos e compreender que se tratava de algo que tinha como objetivo algo maior, que seria realizar esse movimento para que o princípio do prazer pudesse entrar em cena.

Mais uma vez, podemos destacar a forte presença da mitologia na psicanálise na teoria das pulsões propostas por Freud. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (2010c) faz uma correlação entre a pulsão de vida, como Eros, considerado o Deus grego do amor, e a pulsão de morte, sendo Tânatos, que na mitologia grega é a

personificação da morte. Freud discorre que o sentido da evolução cultural já não é um enigma para nós. “Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana.” (FREUD, 2010c, p. 58). Para o autor, essa luta é considerada um conteúdo fundamental para a vida e, por isso, a evolução cultural pode ser designada como a luta vital para manter a espécie humana.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho de conclusão de curso foi realizada uma revisão bibliográfica tendo as práticas clínicas como linha de pesquisa. Foram abordados aqui os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, repetição, transferência e pulsão, associados com a mitologia propriamente dita. Foi possível destacar a importância da mitologia para a ilustração da teoria psicanalítica, principalmente do Complexo de Édipo que atravessa a todos nós. Para além disso, destaca-se o papel primordial da obra Totem e tabu que pode ser considerado o mito da psicanálise, no qual Freud propôs o início de uma civilização a partir do assassinato do Pai Primevo, ou seja, o Totem e tabu como forma de cura para a barbárie. Também foi realizado um breve recorte a respeito da cura em psicanálise nas práticas clínicas e, embora a psicanálise tenha a sua eficácia comprovada em diversas afecções, o processo de como a cura se dá, ainda continua um enigma para o analista.

É de extrema relevância destacar que este trabalho trata de psicanálise e de sua importância na observação do comportamento humano em que Freud extraiu seus conceitos, promovendo a teoria do sujeito a partir de sua escuta. Podemos considerar que o uso da mitologia para a explicação dos conceitos da psicanálise foi de extrema genialidade de Sigmund Freud, o grande precursor da teoria, também conhecido como o "pai da psicanálise" que, não obstante, recorreu à Antiguidade por meio dos personagens míticos e a partir de sua escuta prodigiosa foi possível fundamentar os conceitos primordiais da psicanálise.

## **REFERÊNCIAS**

ARANHA, M. L. A. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

AZEVEDO, A. V. **Mito e Psicanálise**. Edição: x. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

AZEVEDO, M. K.; MELLO NETO, G. A. R. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v.15, n.1, p. 67-75, abr. 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 abr. 2023.

AZOUBEL NETO, D. **Mito e Psicanálise**. Papyrus: Campinas. 1. Ed., 1993.

COUTINHO JORGE, M. A. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v.1: as bases conceituais. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

D'AVILA LOURENÇO, L. C. Transferência e complexo de Édipo, na obra de Freud: notas sobre os destinos da transferência. **Psicologia: Reflexão e Crítica**: Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 143–149, jan. 2005.

ELIADE, M. **Aspecto do mito**. Lisboa: Edições 70, 2000.

EMÍDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Histórias de uma antiga relação: uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud. **Repositório Institucional Unesp**: Bauru. Perfil, v. 10, n.1, p. 24-38, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127000>. Acesso em: 21 maio 2023.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. 11. Ed. L&PM: Porto Alegre, 2018.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)**, além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 122-178. (Obras completas Volume 14).

FREUD, S. A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. *In*: FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia; o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 125-230. (Obras completas Volume 17).

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo. Ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, p. 13-50 (Obras completas Volume 12).

FREUD, S. "Autobiografia". *In*: FREUD, S. **O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos.**, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 67-149. (Obras completas Volume 16).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, p. 11-89. (Obras completas Volume 18).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. *In*: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O Caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d, p. 193-209. (Obras completas Volume 10).

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XII).

FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora"). *In*: FREUD, S. **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise Fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 173-320. (Obras completas Volume 6).

GONÇALVES, R. P. Mito e Psicanálise: Considerações. **Letras**: Santa Maria. 3. Ed. 33-40, 1992. <https://doi.org/10.5902/2176148511422> Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11422>. Acesso em: 11 abr. 2023.

LACAN, J. **A psicanálise e seu ensino**. *In*: LACAN, J. Escritos (pp. 438-460) (1998a). Rio de Janeiro: Zahar. Copyright: Editions Seuil, 1966.

LACAN, J. **O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. *Copyright: Editions du Seuil, 2007*.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Estrutura dos Mitos**. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, 1955, Edições 70.

LIMA, A. P. DE. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Archives of Clinical Psychiatry**: São Paulo, v. 37, n. 6, p. 280–287, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000600005> Acesso em: 11 abr. 2023.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud (Remetente) para Wilhelm Fliess (Destinatário) (1887-1904)**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

MITO, *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. **Priberam**: Lisboa, 2022. Disponível em: Acesso em: 24, abril, 2023.

MOREIRA, J. O. Édipo em Freud: O movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 2, p. 219–227, maio 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000200008>. Acesso em: 11 abr, 2023.

NASIO, J. D. **Sim, a Psicanálise cura!** Tradução: Eliana Aguiar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

PAIM FILHO, I. A. Totem e tabu: um prêmio ao narcisismo (sobre a sexualidade ampliada do complexo de Édipo). **Berggasse 19**, 2022, p. 104-116, v12. Disponível em: <https://berggasse19.emnuvens.com.br/revista/article/view/83/66>. Acesso em: 24 abr. 2023.

PASTORE, J. A. D. Psicanálise e linguagem mítica. **Cienc. Cult.:** São Paulo, v. 64, n. 1, p. 20-23, Jan. 2012. <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252012000100009>. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252012000100009&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 abr. 2023.

PERON, Paula Regina. Da sugestão à análise da transferência: a noção de cura psicanalítica no início da obra freudiana. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 2, p. 35-53, jun. 2004. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 maio 2023.

SÓFOCLES, Édipo Rei: **A trilogia tebana:** Édipo Rei, Édipo em colono e Antígona, Rio de Janeiro: Zahar, Ed. 17, v1. 2012.

VERSIANI, R. N. R. C. Mito e psicanálise. **Repositório Institucional UnB:** Brasília. 2008. x, 95 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8422> . Acesso em: 21 maio 2023.